

VOZES SILENCIOSAS, SENTIDOS E ALERTAS: analisando discursos encontrados nas portas de um banheiro feminino universitário

Lorena de Azevedo Gomes

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF
Bacharel em Psicologia e Mestranda em Cognição e Linguagem*

Tamara Cecília Rangel Gomes

*Faculdade de Filosofia de Campos
Licenciatura em História e
Especialista em História do Brasil pela PUC-MINAS
Mestrado em Gestão e Avaliação de Educação Pública pela UFJF e Doutoranda em Cognição e Linguagem -
UENF*

Resumo

A tessitura deste artigo propõe uma análise discursiva de inscrições presentes nas portas de um banheiro feminino de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro, compreendendo-as como manifestações de vozes silenciosas repletas de sentidos e alertas que tensionam o espaço institucional acadêmico em diálogo com pautas contemporâneas. A partir da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nos conceitos de cena enunciativa, ethos e dispositivos de exterioridade em Maingueneau, articulada à noção bakhtiniana de dialogismo e polifonia, investiga-se como esses dizeres — anônimos, fragmentários e marginais — produzem sentidos sobre sofrimento psíquico, gênero, cuidado, pertencimento e resistência. Os registros analisados configuram zonas de enunciação onde sujeitos (re)constroem identidades discursivas e acionam mecanismos coletivos de afeto e alerta. Em diálogo com Byung-Chul Han, os enunciados são também compreendidos como expressões do mal-estar típico da sociedade do desempenho, marcada pelo excesso de positividade, autoexploração e silenciamento das vulnerabilidades. Ao escutar discursos que escapam aos espaços institucionalizados da linguagem, a pesquisa busca ampliar os horizontes metodológicos da Análise do Discurso e contribuir para uma escuta mais ética e atenta aos modos como o sofrimento e a resistência se inscrevem na universidade.

Palavras-chave: *Análise do Discurso; Inscrições anônimas; Universidade; Sofrimento psíquico; Gênero.*

Abstract

This article proposes a discursive analysis of inscriptions on the doors of a women's restroom at a public university in the state of Rio de Janeiro, understanding them as manifestations of silent voices replete with meaning and warnings that tension the academic institutional space in dialogue with contemporary issues. Drawing on French discourse analysis, with an emphasis on Maingueneau's concepts of enunciative scene, ethos, and devices of exteriority, articulated with Bakhtin's notions of dialogism and polyphony, the article investigates how these sayings—anonymous, fragmentary, and marginal—produce meanings about psychological suffering, gender, care, belonging, and resistance. The analyzed records configure zones of enunciation where subjects (re)construct discursive identities and trigger collective mechanisms of affect and alertness. In dialogue with Byung-Chul Han, the utterances are also understood as expressions of the malaise typical of the performance society, marked by excessive positivity, self-exploitation, and the silencing of vulnerabilities. By listening to discourses that escape the institutionalized spaces of language, the research seeks to broaden the methodological horizons of Discourse Analysis and contribute to a more ethical and attentive listening to the ways in which suffering and resistance are inscribed in the university.

Keywords: *Discourse Analysis; Anonymous Submissions; University; Psychological Distress; Gender.*

Date of Submission: 13-10-2025

Date of Acceptance: 25-10-2025

I. Introdução

Na conjuntura contemporânea, as paredes e portas de banheiros públicos, especialmente em espaços universitários, muitas vezes se tornam superfícies de inscrição onde emergem dizeres que não encontram lugar nos espaços formais da linguagem institucional. Grafadas de modo anônimo, essas mensagens — que vão de desabaços íntimos a denúncias, conselhos e palavras de apoio — constituem cenas enunciativas marcadas por tensão, silêncio e resistência. Diante disso, este artigo objetiva realizar uma análise discursiva de inscrições presentes nas portas de um banheiro feminino de uma universidade pública estadual do estado do Rio de Janeiro, com vistas a identificar quais são os sentidos e alertas produzidos por eles e de que forma tensionam o espaço institucional acadêmico e dialogam com pautas contemporâneas.

Ao dialogarmos sobre essa temática, precisamos ter o cuidado de não olharmos para os escritos nas portas do banheiro de uma forma simplista, ou seja, considerando-os apenas rabiscos e frases soltas, tendo em vista que exprimem modos alternativos e não convencionais de expressão da existência humana. Isto porque o banheiro, por sua característica de privacidade e anonimato, pode ser visto como um espaço de compartilhamento de angústias, dores, alegrias, piadas, conselhos e pedidos de ajuda. Tais expressões nos convidam a visibilizar questões que muitas vezes são invisibilizadas no cotidiano universitário, como a solidão, a revolta, o medo, o peso das cobranças por produtividade, o adoecimento diante de um contexto de extrema competitividade, mas também o diálogo acolhedor que de alguma forma fortalece os encontros anônimos.

Vale ressaltar que, faremos essa análise a partir de um recorte de gênero, visto que, falaremos de inscrições que atravessam o cotidiano acadêmico de mulheres, acessando algumas de suas dimensões subjetivas frente a vida universitária, bem como, fornecendo subsídios para uma compreensão sensível e próxima da realidade contemporânea cotidiana delas.

Diante do exposto elaboramos a seguinte questão-problema: “Quais são os sentidos e alertas produzidos pelas inscrições presentes nas portas de um banheiro feminino de uma universidade pública estadual do estado do Rio de Janeiro e de que forma tais inscrições tensionam o espaço institucional acadêmico e dialogam com pautas contemporâneas?”

Como objetivos específicos visamos: analisar como o banheiro se tornou um espaço informal de desabaço, diálogo e expressão subjetiva da existência humana; contribuir para a visibilização de vozes silenciosas e de suas queixas em diálogo com pautas contemporâneas; e pensar no ambiente universitário como espaço de humanização e cuidado.

Ademais, é de suma importância justificar que este trabalho emerge de uma escuta afetada e implicada: as pesquisadoras, enquanto corpos que circulam e se inscrevem na universidade, reconhecem nos fragmentos discursivos ali grafados uma convocação ética. Ao tomar contato com esses dizeres — confissões, apelos, desabaços — aciona-se um desejo de compreender como sujeitos constroem sentidos em espaços não previstos para o discurso. A partir de Bakhtin, compreende-se que esses enunciados, ainda que anônimos, são dialógicos: respondem, interpelam-nos e exigem resposta. Há, portanto, uma implicação subjetiva das pesquisadoras como co-participantes da cena enunciativa, sendo afetadas por vozes que, mesmo silenciosas, clamam por escuta.

Quanto à relevância social deste artigo, é importante dizer que se propõe a ter um olhar de legitimação de vozes que falam silenciosamente em um espaço de enunciação não legitimado, o banheiro, revelando tensões sociais profundas como: sofrimento psíquico, denúncias de violência, vivências do corpo feminino, experiências de pertencimento e exclusão. A partir de Maingueneau, entende-se que tais inscrições operam em zonas de exterioridade do discurso institucional, funcionando como dispositivos de resistência simbólica. Ao visibilizar esses discursos, o estudo contribui para pensar políticas de cuidado, escuta e acolhimento, num contexto marcado pelo esgotamento emocional e pela invisibilização das vulnerabilidades estudantis – como alerta Byung-Chul Han (2015) ao refletir sobre a *Sociedade do Cansaço*.

Diante do exposto, acreditamos que esta pesquisa se inscreve nos estudos discursivos ao tensionar os limites do que se entende por “discurso” e “espaço de enunciação”. A partir de Maingueneau, propõe-se uma análise que considera o ethos discursivo, o cenário de enunciação e os modos de inscrição do sujeito em situações periféricas da linguagem. Com Bakhtin, reconhece-se a polifonia presente nos dizeres anônimos — múltiplas vozes que dialogam, se tensionam, ironizam e produzem sentidos sobre o mundo vivido. E com Byung-Chul Han, abre-se uma reflexão sobre como esses discursos evidenciam o sofrimento psíquico contemporâneo, marcado por excesso de positividade, autovigilância e solidão. O trabalho, assim, amplia os horizontes metodológicos da Análise do Discurso ao explorar materialidades efêmeras, não autorizadas, mas profundamente significativas.

II. Revisão da Literatura

2.1 O banheiro: um espaço de expressão subjetiva da existência humana

Segundo o linguista e professor acadêmico Dominique Maingueneau (2015) “o discurso constrói socialmente o sentido” (Maingueneau, 2015, p.28). Assim, ele defende que essa postulação se dá não apenas na dimensão da oralidade, como também no campo das produções coletivas no que se refere a um público amplo. Para ele, o sentido não é algo posto, estável e imanente a um enunciado mas construído e reconstruído continuamente no interior de práticas sociais específicas. Desse modo, as pessoas constroem sentidos a partir das suas próprias configurações sociais, que se estabelecem em diversos níveis. (Maingueneau, 2015, p.28-29). É pensando nisso que buscaremos compreender os sentidos e alertas que vêm sendo construídos socialmente a partir de enunciados presentes nas portas internas de um banheiro feminino universitário.

As superfícies de banheiros, historicamente associadas à privacidade e às necessidades fisiológicas, emergem como espaços de profunda relevância para a expressão de emoções, sentimentos e narrativas subjetivas. Longe de serem meros locais de higiene, essas áreas se transformam em lócus de enunciação onde indivíduos registram memórias, acontecimentos e histórias de vida, articulando críticas a uma cultura perpassada por relações de gênero, desigualdades sociais, sexualidades e lutas políticas que transcendem o ambiente imediato.

A natureza anônima dessas inscrições, frequentemente designadas como grafitos, confere ao banheiro um caráter de espaço seguro para a demarcação da identidade. Ao permitir a exposição de discursos sem a censura imposta por esferas mais formais, esses ambientes propiciam uma liberdade expressiva notável. A materialidade desses escritos — manifestos em caneta, lápis, hidrocor, batom, entre outros — sublinha a espontaneidade e a urgência da comunicação, conforme sugere a metonímia poética de Cazuzu em "Down em Mim": "O banheiro é a igreja de todos os bêbados", denotando um refúgio para a manifestação de vulnerabilidades e verdades não ditas.

A tradição de grafar em paredes de banheiros remonta a tempos antigos, com registros de inscrições em grego nas casas romanas de Pompeia (Neto, 1992), evidenciando a perenidade dessa prática comunicativa. Nwoye (1993) corrobora essa perspectiva ao defender que os grafitos não são rabiscos aleatórios, mas possuem uma estrutura elaborada, simbologias e servem como fontes ricas para investigações e análises sociais.

Apesar da riqueza dessas manifestações e de sua longevidade histórica, observa-se que os estudos acadêmicos sobre grafitos em banheiros ainda são escassos no Brasil. Contudo, a ausência de autoria nominal não diminui o impacto desses dizeres. Os grafitos, embora anônimos em sua origem, permanecem e marcam aqueles que com eles se deparam, gerando diálogos implícitos e ressonâncias que persistem para além do instante da escrita. Assim, o banheiro transcende sua função primordial para se configurar como um microcosmo de interações discursivas, revelando as complexidades das subjetividades humanas em contextos sociais específicos.

2.2 O ambiente universitário como espaço de humanização e cuidado para mulheres

O ambiente universitário geralmente é visto como um lugar restrito à aprendizagem e ao desenvolvimento de estudos, pesquisas e extensão. Entretanto, não podemos invisibilizar que essas ações são desempenhadas por corpos que para além das habilidades cognitivas e das contribuições de ordem intelectual, científica e filosófica também são pessoas e como tal, sentem, sofrem, passam por descobertas, frustrações e diversos desafios ao longo da jornada acadêmica.

Assim, essas práticas discursivas escapam dos espaços comumente instituídos dentro da universidade como ambientes de diálogo, compartilhamento de ideias e expressão de pensamentos, tendo como exemplo, ambientes formais como as salas de aula, de estudo e os laboratórios e até ambientes informais como corredores e pátios. Dito isto, faz-se necessário refletir sobre o porquê de tais vozes não se sentirem à vontade para expor seus pensamentos, suas ideias e seus sentimentos nesses espaços, recorrendo ao anonimato para isto.

Sabemos que a realidade acadêmica envolve múltiplos desafios, mas especificamente no caso das mulheres, esses desafios aumentam consideravelmente, tendo em vista que socialmente, historicamente e culturalmente elas precisaram romper com muitos preconceitos para conseguir direitos básicos como por exemplo, o acesso ao voto, à educação, a liberdade de ir e vir, a escolha frente à temática da reprodução sexual e principalmente o direito ao regulamento do próprio corpo.

Ainda nos tempos contemporâneos, muitas mulheres continuam sendo constantemente vistas como réus do julgamento alheio, simplesmente por dedicarem tempo de qualidade para os seus estudos e pesquisas, precisando para além disso sempre dar conta das tarefas domésticas, familiares, de outros trabalhos e até maternais no caso das mães para serem validadas, já que os estudos e as pesquisas acadêmicas não costumam culturalmente, socialmente e historicamente serem compreendidas enquanto um trabalho igual as outras profissões, ou seja, que exigem tempo, desempenho, resultado e produtividade.

Todavia, o excesso de demandas e conflitos que perpassam a existência da mulher universitária na contemporaneidade pode gerar uma série de consequências tanto para a sua saúde física, quanto mental. Inclusive é exatamente isso que diz o filósofo Byung-Chul Han (2015) em sua obra *Sociedade do Cansaço*, defendendo que esse mal-estar contemporâneo analisado como um reflexo da lógica capitalista neoliberal é típico da “Sociedade de Desempenho”, marcada pelo excesso de positividade, autoexploração, autocobrança e silenciamento de

vulnerabilidades. Assim, tais vulnerabilidades silenciadas podem aparecer como expressão discursiva nas portas dos banheiros femininos no ambiente acadêmico, como efeito desse sistema, produzindo sentidos sobre sofrimento psíquico, gênero, sexualidade, cuidado, pertencimento e resistência.

Além disso, o pensamento de que o ambiente universitário precisa ser apenas um espaço rígido e de sustentação de certos poderes e discursos em detrimento de outros, estando assim exclusivamente voltado para a produtividade e a competitividade influem nesse processo de adoecimento. Para Buber (2001) essa relação restrita à produtividade e a competitividade pode ser compreendida como uma relação “Eu-isso” que reforça o individualismo na contemporaneidade ao fazer com que eu me relacione com o outro apenas para que ele atenda à alguma necessidade minha, sendo o outro visto de uma forma objetificada e utilitária. Ao contrário disto, precisaríamos estabelecer com as pessoas uma relação “Eu-tu”, que consiste em uma relação mais autêntica, profunda e dialógica com esse outro que vem ao nosso encontro, o que visibilizaria a possibilidade de articulação das conversas na sala de aula, por exemplo, com os acontecimentos da vida de uma forma mais ética, aberta e humanizada, o que poderia contribuir de algum modo para que essas mulheres se sentissem confortáveis para se colocarem expressando suas angústias e afetações dentro desse cenário.

Logo, é válido lembrar que a mesma academia que pode gerar adoecimento, também pode ser vista como um espaço de acolhimento, afeto e compartilhamento de experiências. Com isso, questiona-se sobre a necessidade de espaços na academia para esse debate, de modo a ampliar as práticas de cuidado voltadas para as mulheres universitárias de uma forma com que elas se sintam livres, confortáveis e acolhidas para se expressarem encontrando assim um suporte especializado para além dos diálogos no banheiro.

III. Metodologia

Para interpretar os escritos evidenciados nas portas internas dos banheiros femininos utilizaremos como metodologia a análise do discurso bakhtiniano, tendo em vista a sua proposta de considerar o discurso enquanto uma expressão de muitas vozes, o que evidencia os pressupostos sociais, históricos, culturais, políticos e econômicos que podem atravessar um discurso, corroborando na produção de seu sentido. Além disso, também utilizaremos como referencial teórico os filósofos Byung Chul-Han (2015) e Martin Buber (2001). O primeiro em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2015) elucida o desafio de viver em uma sociedade de desempenho, que visa a produtividade, a competitividade e o resultado às custas do adoecimento do humano. Já o segundo em sua obra *Eu e Tu* (2001) faz crítica à relações superficiais, objetificadas e utilitárias, em que o outro se transforma em um “isso”, ressaltando a importância de estabelecermos relações mais autênticas, presentes, profundas, intensas e dialógicas uns com os outros, de modo que o outro seja visto como um “tu”, isto é, como um ser humano.

IV. Resultados

No dia 3 de abril de 2025 foram realizadas fotografias referentes à 2 portas internas de cabines de banheiro feminino dentro de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro. Observamos que os escritos continham as seguintes cores: preto, vermelho, azul, rosa, amarelo, verde e corretivo líquido. De modo geral, verificamos o predomínio de alguns eixos temáticos de cunho político, religioso, motivacional, sexual, artístico, educacional e da saúde. Para facilitar a compreensão, elaboramos dois quadros: o primeiro sobre discursos e diálogos encontrados na cabine 1 e o segundo referente aos discursos e diálogos encontrados na cabine 2. O quadro foi dividido em enunciado, resposta ao enunciado e núcleos temáticos. Veja a seguir:

Quadro 1 - Discursos e diálogos encontrados na Cabine 1

Enunciado	Resposta ao Enunciado	Núcleos Temáticos
“Tudo culpa do capitalismo”	• “Não é o sistema é o homem” • “E quem molda o homem serena?” • “e quem criou o sistema?”	<u>Capitalismo: Homem vs Sistema</u>
	• “exatamente”	
“Faculdade pode ser meio solitário às	• “Quer conversar?”	

vezes”	• “Sim!”	Saúde Mental das Mulheres na Universidade
“O pessoal do CCH é doido! Kkkk”	• “povo animado kkkk”	
“Vou me matar na sua frente!”	• “Ñ é problema meu :)”	
“Não use sua condição mental para justificar sua falta de caráter”		
“Você é burra?”	• “sou.” • “burra é a sua mãe”	
“Bioquímica é uma merda”	• “Não” • “eu não acho, amo bioquímica” • “também acho”	Gênero e Sexualidade
“Pronome neutro não existe”	• “Vai estudar” • “vai tomar no seu”	
“Elu-dele”		
“Mama me olhando”		

Fonte: elaboração das autoras.

Quadro 2 - Discursos e diálogos encontrados na Cabine 2

Enunciado	Resposta ao Enunciado	Núcleos Temáticos
“Guardando seu rosto só para lembrar de você”		<u>Guardar rostos: Paixão ou Ódio?</u>
“Vocês são fortes!”	• “seja forte e corajoso”	Palavras Motivacionais
“Siga sua intuição”		
“Viva a vida”		
“Cresça”		
“Confie em Jesus”		Amor e Salvação: Afirmações Religiosas
“Deus te ama”		
“Deus é amor!”		
“Cristo nos salvou”	• “matou”	
“João 3:16”		Todas contra o Capitalismo
“Foda-se o capitalismo”		
“Capitalismo é minha pica”	• “Disse a proletariada”	
“Se a vida é uma corrida me sinto em último”		
“Eu não tenho criatividade!”	• “nem eu” • “nem eles” “Nhac” “frango no RU”	Sofrimento em pauta: competição, baixa autoestima e tédio
“Vocês são chatas!”		
“Sexo drogas e rock’n roll”		

“Por cima de mim”	_____	<u>Desejos silenciosos</u>
“Xereca”	• “Com a ingual pão doce”	
“Ricardo eu te amo”	_____	
“Love u”	_____	
“Cuzinho bicudo”	_____	
“Pronome neutro não existe!”	• “pronome neutre existe!” • “sai do CCH Nikolas Ferreira!” • “mas você tá brava? Parou em 2019.”	<u>Identidades e Cultura</u>
“continua não existindo”	• “deus também não mas ninguém tá te perturbando com isso né porra (ininteligível) !!!”	
“Red fox was here”	_____	
“Lua respeita as travestys”	_____	

“Rewind my selectah”	_____	
“Quantas Army’s existem na UENF? Qual seu UTT?”	_____	
“Jama”	_____	

Fonte: elaboração das autoras.

V. Discussão

5.1 Perspectiva de Mikhail Bakhtin: discurso como expressão de muitas vozes

A partir de uma orientação bakhtiniana, nos propomos a encontrar os discursos ou as vozes que aparecem em alguns dos enunciados elucidados nos quadros anteriores. Assim, no primeiro enunciado “Tudo culpa do capitalismo”, percebemos que a pessoa que escreveu essa frase demonstra extrema insatisfação com esse sistema, atribuindo-lhe com um tom crítico ou sarcástico a culpa pelos diversos problemas existentes no mundo, como os de ordem social, econômica e até existencial. Assim, a heterogeneidade discursiva ou heteroglossia presente nesse enunciado carrega múltiplas vozes, como a voz crítica que denuncia o sistema capitalista e a voz irônica ou sarcástica que pode estar expressando cansaço, sarcasmo ou resignação diante da repetição desse tipo de explicação. Ademais, o tom responsivo e polifônico desta frase ressalta que o enunciado não é neutro, pois participa claramente de um conflito ideológico, que pode indicar uma caricatura ou uma denúncia social. Nesse sentido, observamos uma luta entre vozes sociais: a do capitalismo hegemônico e a das críticas à ele.



Fonte: registro pessoal das autoras.

Como segundo exemplo de análise, temos o enunciado: “Se a vida é uma corrida, me sinto em último”. Essa frase deve ser compreendida no contexto das interlocuções sociais, como uma resposta a normas, expectativas ou ideologias vigentes. Nesse caso, a metáfora da corrida reflete uma voz social dominante, ligada ao desempenho, produtividade e competição, comuns na sociedade contemporânea. Essa voz reproduz valores neoliberais internalizados. Entretanto, o sujeito enunciativo se posiciona de maneira crítica e sofrida diante dessa lógica. Ao dizer “me sinto em último”, ele expressa uma experiência de fracasso, mas também resiste simbolicamente ao modelo imposto de sucesso. Logo, considerando a perspectiva dialógica o enunciado não está isolado — pois dialoga com discursos motivacionais, meritocráticos ou de autoajuda, muitas vezes celebrando o “vencer na vida”.

No contexto das instituições públicas de ensino superior contemporâneas, onde os alunos até se formarem precisam passar por diversos desafios cotidianamente, a lógica capitalista neoliberal marcada como diz o autor sul coreano Byung Chul-Han (2015) pela produtividade, pelo desempenho e pelo resultado, pode aparecer travestida de positividade tóxica como a ideia de que o aluno pode e deve dar conta um grande número de leituras, aulas e atividades para ser considerado um aluno inteligente e capaz, sendo o aluno que não consegue se adaptar a este excesso de afazeres visto como fracassado, fraco e menos inteligente. Com isso, observa-se que ambos os enunciados fazem uma denúncia ao sistema capitalista, revelando um embate social repleto de tensões e sentidos em torno da explicação do sofrimento e das injustiças existentes.

Já no terceiro enunciado temos a frase “Lua respeita as travestys”, que não existe isoladamente: ela dialoga com uma rede de enunciados sociais que, historicamente, marcaram o corpo travesti com estigmas, preconceitos e exclusões. O ato de dizer “respeita” pressupõe que houve — e ainda há — desrespeito, discriminação e silenciamento. Nesse sentido, o enunciado carrega uma polifonia de vozes sociais. De um lado, ressoa a voz dos movimentos de resistência e afirmação das identidades trans e travestis, que reivindicam visibilidade e dignidade. De outro, resiste à voz hegemônica e normativa da sociedade cisheteronormativa, que historicamente marginalizou tais corpos. O discurso, portanto, emerge como ato de luta simbólica, como resposta ativa a um contexto social saturado de exclusões. Logo, “Lua respeita as travestys” se situa entre dois pólos: o sujeito que fala — possivelmente alguém identificado com a causa — e o interlocutor social, que é convocado a rever sua posição diante do chamamento de um outro. O discurso, então, torna-se uma forma de resistência ética e estética, na qual o respeito é não apenas um valor, mas uma tensão dialógica em disputa.



Fonte: registro pessoal das autoras.

No quarto exemplo temos literalmente um diálogo:

- “Faculdade pode ser meio solitário às vezes”
- “Quer conversar?”
- “Sim!”

Esse trecho evidencia bem o conceito bakhtiniano de interação verbal viva. A primeira fala expressa um sentimento íntimo — a solidão na faculdade — que dialoga com experiências coletivas, muito comuns no universo estudantil. A fala “faculdade pode ser meio solitário às vezes” remete a vozes sociais que falam da individualização

da vida acadêmica, da pressão por desempenho, da falta de redes de apoio. É um enunciado que expressa um sofrimento subjetivo, mas enraizado em discursos sociais amplos. O “Quer conversar?” é uma resposta que acolhe, rompe o isolamento, e evidencia o potencial ético do diálogo. O “Sim!” encerra essa pequena cena como um exemplo da linguagem como encontro, algo essencial na visão bakhtiniana.

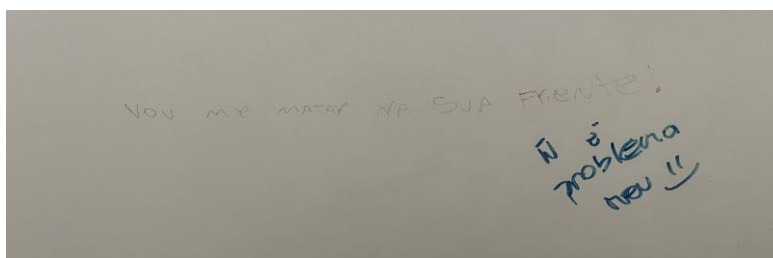
No quinto exemplo também temos um diálogo:

— “Vou me matar na sua frente!”

— “Não é problema meu :)”

Podemos perceber que a fala “Vou me matar na sua frente!”, é um enunciado de caráter performativo e de apelo ético: não se trata apenas de uma declaração, mas de um chamado à responsabilidade e à escuta. Ao anunciar um gesto extremo diante do outro, o locutor se dirige a um interlocutor real e, implicitamente, convoca sua presença como testemunha e talvez como agente de salvação. Nessa enunciação, há o desejo de ser ouvido, de afetar o outro. A resposta, “Não é problema meu :)”, instaura um contraponto violento. O uso do emoticon “:)” adiciona uma camada de ironia e frieza, negando o valor ético do apelo anterior.

A palavra “problema” é aqui um marcador ideológico: transforma a dor e o desespero em uma questão de responsabilidade individual, negando qualquer vínculo intersubjetivo. Nesse sentido, o diálogo é o retrato de uma ruptura do laço dialógico — o outro, em vez de responder responsivamente, fecha-se em um monólogo ético, suprimindo a alteridade. O discurso do segundo falante nega a dimensão do “nós”, instaurando o silêncio moral. O que emerge, portanto, é a morte simbólica do diálogo, o fim da relação ética que fundamenta a linguagem humana, o que escancara o contexto contemporâneo no qual vivemos em que a relação com o outro precisa ter uma utilidade, caso contrário, o que prevalece é o “Eu-isso” como vimos anteriormente.



Fonte: registro pessoal das autoras.

5.2 Perspectiva de Dominique Maingueneau: discurso como prática institucional

Considerando a perspectiva de Maingueneau, realizaremos esta discussão analisando os discursos a partir de sua inscrição em uma cena de enunciação, observando a constituição do ethos, da cenografia e do contrato discursivo (implícito ou explícito entre enunciador e destinatário), fazendo crítica ao sistema capitalista neoliberal. É importante destacar que essa análise trata-se do gênero inscrição de porta/parede, em que a cena englobante é a inscrição porta de banheiro, um ambiente mais reservado do que a parede da rua, por exemplo, em que a pessoa que inscreve fica exposta para todos verem.

Nesse caso, temos a ocorrência do anonimato das autoras, que a partir disso conseguem se expressar com menos perigo do que se fosse em uma porta ou parede completamente exposta para todos verem. Assim, embora seja um ambiente público institucionalmente falando, o banheiro também é um ambiente individual, marcado pelo diálogo e compartilhamento de questões muito pessoais e subjetivas. Ali é você e você, sem julgamentos e cobranças externas. Cabe ressaltar que, cada pessoa sente, pensa, fala e escreve de formas diferentes, expressando e compartilhando a partir do seu horizonte histórico de sentidos os seus medos, suas frustrações, suas motivações, suas alegrias e suas críticas.

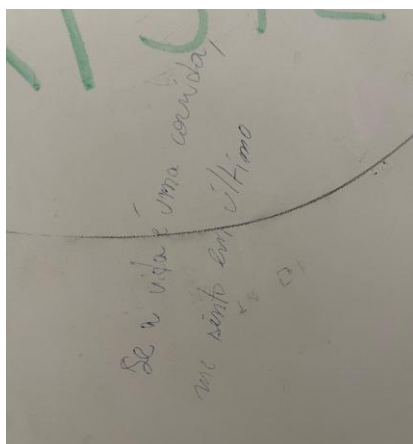
Além disso, contamos com uma cenografia informal repleta de enfoques em temáticas sensíveis como sexualidade, sofrimento psíquico, cenário político e religioso. Contudo, é possível perceber que a exposição escrita das experiências existenciais dessas mulheres universitárias pode se tornar no fim das contas uma conversa, um diário aberto onde todas podem escrever juntas e interagirem com perguntas e respostas, o que evidencia o caráter da dialogicidade presente nessas inscrições. Ademais, iremos analisar alguns enunciados presentes nas portas dos banheiros pensando na construção de cada *ethos* explicitado.



Fonte: Elaboração das Autoras.

Ao analisarmos a frase “Tudo culpa do capitalismo” pautados em Maingueneau, podemos observar que o enunciador pode ter como intuito fazer uma crítica direta ao sistema capitalista, podendo haver ou não uma concordância entre enunciador e destinatário. Portanto, ao enunciar essa frase, a pessoa constrói para si um ethos crítico e indignado, se posicionando como alguém completamente consciente das estruturas sociais que o cercam, produzindo um discurso de denúncia. Tal denúncia remete a um vasto campo discursivo, constituído por discursos marxistas, antcapitalistas, acadêmicos e populares, ou seja, que têm por hábito responsabilizar o capitalismo pelas mazelas da vida social. Nesse sentido, o interdiscurso aparece como pano de fundo que dá sentido e força ao enunciado.

Na segunda frase “Se a vida é uma corrida, me sinto em último”, o sujeito se coloca como um participante desgastado e frustrado, construindo um cenário de pressão e cansaço existencial. Assim, o sujeito enunciador constrói um ethos de fragilidade ou insuficiência, revelando uma identidade discursiva afetada por um sentimento de descompasso com o ideal social de sucesso. Acerca do caráter interdiscursivo, o enunciado se insere num interdiscurso composto por falas motivacionais, discursos de coach, normas escolares ou familiares — todos reforçando a metáfora da corrida como símbolo de valor pessoal, sendo o parar, o silenciar e o descansar vistos com descrédito.



Fonte: registro pessoal das autoras.

Na terceira frase, “Lua respeita as travestys” não é apenas uma frase isolada: é um ato discursivo situado, que participa de um campo enunciativo específico — o das lutas por reconhecimento, dos movimentos LGBTQIA+ e das práticas de resistência cultural. O nome “Lua”, nesse caso, não é apenas um sujeito empírico, mas uma posição discursiva que representa um ethos: o de alguém que é chamado a atenção para se alinhar a uma ética de respeito, acolhimento e reconhecimento da diferença. A enunciação projeta um cenário de legitimidade — ela cria, pela própria formulação, uma comunidade de valores e um espaço simbólico onde o respeito às travestis é uma norma de pertencimento.

Aqui, a cena se inscreve no campo da militância e da visibilidade política, onde o discurso é também uma performatividade: ao dizer “respeita”, o enunciador não apenas descreve um comportamento, mas o instaura — cria uma prática social de respeito, inscrevendo-se em uma rede institucional de significação. Assim, sob o olhar do autor, “Lua respeita as travestys” é mais do que um gesto moral; é uma prática discursiva institucionalizada, que reforça a existência de uma comunidade discursiva comprometida com a luta contra a transfobia e com a afirmação da dignidade humana.

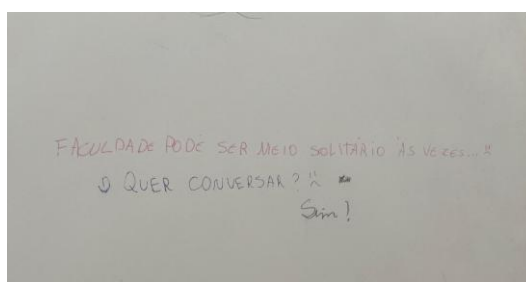
No quarto exemplo temos o seguinte diálogo:

— “Faculdade pode ser meio solitário às vezes”

— “Quer conversar?”

— “Sim!”

Essa cena é marcada pela proximidade, escuta e disponibilidade emocional. O ethos dos interlocutores se constitui da seguinte forma: o primeiro sujeito se constrói como frágil, sincero e disposto a compartilhar; o segundo sujeito assume um ethos de acolhimento, abertura e cuidado, ao oferecer a escuta; e o terceiro enunciado (“Sim!”) reforça esse laço de confiança, aceitando a proposta de conversa e abrindo espaço para o vínculo. O discurso da solidão na faculdade, conecta-se com discursos mais amplos sobre saúde mental, juventude, vida universitária e pertencimento. Ao mesmo tempo, a fala do segundo sujeito se ancora em práticas discursivas associadas à escuta ativa, empatia e apoio emocional.



Fonte: registro pessoal das autoras.

No quinto e último exemplo temos o seguinte diálogo:

— “Vou me matar na sua frente!”

— “Não é problema meu :)”

Nesse diálogo, as duas falas configuram ethos opostos — imagens de si que os sujeitos constroem discursivamente. O primeiro sujeito (“Vou me matar na sua frente!”) enuncia a partir de uma posição de vulnerabilidade e apelo, cuja força performativa depende do reconhecimento do outro. Seu discurso inscreve-se em uma cena dramática e relacional, onde o sentido se constitui pelo olhar do interlocutor. Essa fala se ancora em uma instituição simbólica que valoriza a empatia e a corresponsabilidade — princípios éticos de cuidado e atenção.

Já o segundo sujeito (“Não é problema meu :)”) enuncia a partir de um ethos de indiferença e distanciamento, legitimado por uma prática social individualista. A adição do emoticon cria um dispositivo enunciativo contemporâneo, que desloca o discurso para o campo da comunicação digital, onde o sarcasmo e a dessensibilização se tornam estratégias de defesa e poder. Nessa perspectiva, o discurso não é apenas uma resposta, mas uma negação performativa do vínculo social, um ato que reforça a instituição discursiva do “cada um por si” típica da racionalidade neoliberal. De modo geral, este diálogo se dá em um espaço simbólico em que a dor do outro é desautorizada e o afeto é substituído pela ironia. Assim, o segundo enunciador ocupa o lugar de uma instituição discursiva excludente, que naturaliza o desinteresse e o isolamento. O que está em jogo não é apenas um desacordo interpessoal, mas a inscrição de dois regimes discursivos em conflito: o da vulnerabilidade humana e o da indiferença do outro.

VI. Conclusão

Este artigo desvendou a riqueza e a complexidade das inscrições nas portas do banheiro feminino de uma universidade pública estadual do Rio de Janeiro, revelando-as não como meros rabiscos, mas como cenas enunciativas pulsantes, repletas de sentidos, alertas e tensões. Ao adotar a Análise do Discurso de linha francesa, com Maingueneau, e a perspectiva bakhtiniana do dialogismo e polifonia, além das contribuições de Byung-Chul Han e Martin Buber, foi possível mergulhar nas narrativas

anônimas que ecoam vozes silenciadas da comunidade acadêmica feminina. Os registros analisados – que transitam entre denúncias ao capitalismo, desabaços sobre saúde mental, discussões sobre gênero e sexualidade, e mensagens de apoio e afeto – configuram um diário aberto entre mulheres. Eles evidenciam como o banheiro, tradicionalmente um espaço de higiene, metamorfoseia-se em um local de refúgio, desabaço e demarcação identitária, onde o anonimato confere a liberdade de expressão que muitas vezes é cerceada nos ambientes formais da universidade. Essa liberdade marginal permite a emergência de discursos que tensionam o status quo acadêmico, explicitando um mal-estar inerente à sociedade do desempenho, conforme proposto por Byung-Chul Han, e a necessidade de relações mais autênticas e dialógicas, como defende Martin Buber.

A mulher no espaço acadêmico, com sua trajetória de lutas e desafios históricos, encontra nesses escritos uma forma singular de resistência e (re)construção identitária.

Os discursos sobre sofrimento psíquico, as discussões sobre pronomes neutros e as manifestações de afeto, mesmo que fragmentadas, revelam a busca por pertencimento e acolhimento em um ambiente que, por vezes, prioriza a produtividade em detrimento do cuidado humano. A polifonia observada nas respostas e contrapontos – como em "Tudo culpa do capitalismo" versus "Não é o sistema é o homem" – demonstra a complexidade das discussões e a diversidade de ideologias que coexistem (e se confrontam) nesse microssistema universitário.

Este estudo não apenas amplia os horizontes metodológicos da Análise do Discurso ao validar o "grafito de banheiro" como objeto de investigação legítimo, mas também oferece uma contribuição social e ética significativa. Ao visibilizar e legitimar essas vozes silenciosas e queixosas, o artigo convoca a universidade a uma escuta mais atenta e sensível às vulnerabilidades de seus sujeitos. Que esses dizeres, outrora restritos às portas de um banheiro, possam agora reverberar nos debates institucionais, inspirando políticas de cuidado e acolhimento que promovam uma universidade verdadeiramente humanizada, crítica e atenta às complexas realidades de quem a habita.

Referências

- [1]. BAKHTIN, Dialogismo e Construção do Sentido. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- [2]. BUBER, Martin. Eu e Tu. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- [3]. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- [4]. MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola editorial, 2015.
- [5]. NETO, R. B. Banheiros de Pompéia. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de setembro, 1992.
- [6]. NWOYE, O. G. Social issues on walls: graffiti in university lavatories. Discourse & Society, 4, 1993, 419-442.